

O Olhar Brasileiro

Por Dan Machado*

É engraçado e, ainda assim, perfeitamente compreensível como o brasileiro mesmo morando em um país de dimensões continentais – e por isso um Brasil cheio de outros “Brasis” – ainda consegue se admirar como uma criança em seu primeiro dia na escola, quando em outro país pela primeira vez.

Faz um mês minha irmã Nathália e sua amiga, Ana Luisa, estiveram em Buenos Aires pela primeira vez. Para minha irmã era a primeira experiência fora do Brasil! Podem imaginar como ela estava nervosa, né? Detalhes como esquecer de declarar a máquina digital a deixavam apreensiva. Mal sabia ela que no seu caso isso não seria necessário; a máquina da minha irmã tem menos pixels do que a câmera do celular de uma menina de sete anos.

Como eu disse, a máquina passou. Mas na fila para o embarque, um pequeno inconveniente: um hermanozinho de seus dezesseis anos encontrava-se, peralta, na fila ostentando em sua bagagem de mão duas garrafas de dois litros de guaraná. Para os não viajados como eu, há, desde 2007, uma norma da Anac que proíbe o transporte de líquidos em recipientes de mais de 100ml, para voos internacionais. É o terrorismo interferindo na vida do argentino médio. Dizem que, com muito custo, finalmente os guardas da alfândega conseguiram contornar a situação fazendo-o trocar suas garrafas por um camisa do Boca; a vigésima sétima de sua coleção.

Não posso dizer que fiquei particularmente triste ao ouvir isso. Não bastasse a indústria farmacêutica roubando nossos extratos vegetais, a União roubando nossos *royalties* (sim, sou fluminense!), os clubes estrangeiros roubando nossos jogadores, agora uma criança iria roubar nosso guaraná?! Não, isso não.

Chegando lá minha irmã e Ana Luisa esbanjavam felicidade. Andavam saltitantes e sorridentes pelas ruas da cidade. Tiravam fotos, andavam de mãos dadas. Até que logo começaram a perceber que a simpatia de seus anfitriões – que já não é lá tão abundante – começava a se esvaír de uma forma, digamos, suspeita. Eu explico: minha irmã tem aversão a usar tênis e calça jeans, enquanto Ana Luisa, adepta de um estilo mais *street*, adora usá-los. Se a calça for estilo *saruel* então, melhor ainda.

Essa divergência de estilos combinada ao fato de que o casamento homossexual foi recentemente legalizado na Argentina foi suficiente para dar asas à imaginação do povo de Buenos Aires. Elas tiveram de se acostumar aos olhares. No entanto, elas não se importaram muito não; na verdade até riram bastante.



Uma história que fez-me rir foi uma piadinha infame sobre eles, já até meio batida: diz-se que o melhor negócio do mundo é comprar um argentino pela quantia que ele vale e vendê-lo pela quantia que ele pensa que vale. O curioso foi que a piada foi contada por um guia turístico argentino. Engraçado como essa fama do povo já está tão incrustada que eles já nem fogem – pelo contrário, fazem piada. De qualquer forma achei muito legal esse humor auto-depreciativo meio Woody Allen do guia; simpatizei com ele há distância.

Minha irmã me disse que a cidade é muito bonita. Arquitetura moderna, mas respeitadora dos edifícios e construções antigas. Um detalhe interessante quanto ao aspecto urbano diz respeito ao amor deles por futebol. Em Buenos Aires há dois



grandes times: o River Plate e o Boca Juniors. O River tem em sua camisa as cores vermelha, preta e branca, enquanto o Boca carrega o azul-marinho e o amarelo. Acontece que no bairro da Boca – onde a esmagadora maioria torce para o time homônimo – todos os letreiros, cartazes e afins da Coca Cola são preto e branco, para que o vermelho não cause nenhuma antipatia por parte dos torcedores do Boca. Incrível como uma birra da população com seu rival futebolístico tenha a força de mudar a estratégia de uma gigante multinacional conservadora como a Coca. Se bem que consigo imaginar algo do tipo sendo implantada em certos pontos de Porto Alegre, por exemplo.

Outra coisa a se acostumar foram as saudações. Simpáticas que são, as duas sempre se viam com seus rostos pairando no ar, entalhando sorrisos envergonhados, naquele pequeno espaço de tempo reservado para o segundo beijo. UM beijo no rosto; como é difícil para os cariocas se acostumarem a isso. Impossível não lembrar que esse – o econômico beijo único – é um hábito compartilhado por nossos hermanos e nossos vizinhos paulistas. Engraçada a coincidência.

Mas uma coisa que achei muito legal é o notório orgulho do povo para com sua história. Eles não esquecem tão facilmente. Às imediações da Praça de Maio qualquer cidadão estava apto a contar detalhadamente os acontecimentos históricos daquele sitio. Cá no Brasil, semelhante demonstração só seria possível nas proximidades do Maracanã.



A visão mercadológica deles também é invejável. É incontável o número de Casas de Tango na cidade. Minha irmã narrou uma noite mágica em uma delas. Aulas, shows, certificados, fotos; tudo de positivo para ajudar a fixar na memória aquela experiência. Sem contar que é uma forma muito efetiva de divulgar e preservar a cultura local. Gostaria de ver isso por aqui. Mulatas seminuas ensinando a noruegueses rosados um pouco do nosso samba. É possível, tenho certeza. Só falta um pouquinho de organização, mas é possível. Afinal, a única coisa que não atrasa aqui é o desfile das Escolas de Samba, não é mesmo?

*** Imagens gentilmente cedidas pelo autor**